

CRONOLOGIA

Guerra das Laranjas
O conflito entre Portugal e Espanha refletiu posições internacionais: Espanha aliada da França coagiu Portugal a rejeitar a aliança com Inglaterra para aderir à estratégia de Napoleão.

Bloqueio Continental
Decretado por Napoleão, obrigava os países europeus a encerrarem os seus portos aos navios ingleses para asfixiar economicamente Inglaterra.

1789	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	--

PERCURSOS DA RHLT

TORRES VEDRAS NA PRIMEIRA LINHA

Percurso Linear
Distância 24km

WELLINGTON

Percurso Linear
Distância 23km

A DEFESA DO TEJO

Percurso Linear
Distância 16km

GRANDES DESFILADEIROS

Percurso Linear
Distância 30km

O NÓ DAS LINHAS

Percurso Linear
Distância 22km

DO PALÁCIO AO ATLÂNTICO

Percurso Linear
Distância 7km

CONTACTOS

Praca Dr. Eugénio Dias, 12
2590-016 Sobral de Monte Agraço

Tel.: +351 261 942 296

linhasdetorres@rhl.pt

www.rhl.pt

ACESSOS

GPS
39.01864-9.15154

INFORMAÇÃO



TURISMO DE PORTUGAL

Rota Histórica das Linhas de Torres
RHLT MAFRA

27 de outubro
Tratado de Fontainebleau

29 novembro
Partida da Família Real
Junot chega a Lisboa a tempo de ver partir a Família Real Portuguesa para o Brasil, não conseguindo aprisionar a rainha e o príncipe regente.

18 novembro
1.ª Invasão Francesa
As tropas francesas, comandadas por Junot, entram em Portugal e marcham ao longo da linha do Tejo em direção a Lisboa.

01 agosto
As tropas inglesas desembarcam em Lavos, na Figueira da Foz.

17 e 21 agosto
Roliça e Vimieiro
As tropas inglesas defrontam as francesas e saem vitoriosas.

Março
2.ª Invasão Francesa
Soult invade Portugal pelo Norte do país.

Novembro
Construção das Linhas de Torres Vedras
Os engenheiros dão início aos trabalhos em 3.ª de Julho, Sobral e Torres Vedras.

27 agosto
Batalha do Bussaco
As tropas aliadas entram em confronto com as francesas e vencem a batalha.

10 outubro
Chegada dos franceses às Linhas de Torres Vedras.

12, 13 e 14 outubro
Combates de Sobral, Dois Portos e Seramenha.

14 novembro
Retirada das Linhas de Torres Vedras
Perante a impossibilidade de transportar as Linhas, sem reabastecimentos e reforços, Massena retira-se com as suas tropas.

18 junho
Batalha de Waterloo
Napoleão é vencido. Abdica em junho e é exilado na ilha de Santa Helena em outubro.

Estradas Militares

Centenas de quilómetros de estradas foram construídas, entre o Tejo e o Atlântico, nas contraencostas dos montes, escondidas da vista do inimigo. Garantiam a rápida circulação de tropas e mensageiros entre Fortes, com o sigilo necessário ao sucesso das operações; asseguravam o abastecimento de artilharia, munições e viveres; permitiam a evacuação de feridos e a retirada de homens. Inicialmente não foram pavimentadas por se destinarem à infantaria e cavalaria, mas a sua construção evoluiu até 1812, consolidando a operacionalidade nas Linhas de defesa de Lisboa.

Sistema de Comunicação Ótico

Constituído por 10 estações telegráficas, os telégrafos foram instalados nos pontos mais elevados das Linhas. Tinham um mastro atravessado por uma verga de madeira, da qual pendiam balões movimentados por cordas. A combinação dos balões com bandeiras e galhardetes colocados no topo do mastro permitia várias combinações de números interpretadas pelo código Popham, usado na Marinha Inglesa. A comunicação era rápida e segura podendo transmitir uma mensagem, entre o Tejo e o Atlântico, em poucos minutos.

QUEM CONTA ESTA HISTÓRIA?

FAMÍLIA REAL PORTUGUESA
D. Maria I: N. 1734 M. 1816 | D. João: N. 1767 M. 1826

Governava Portugal o príncipe D. João, devido à doença da sua mãe, a Rainha D. Maria I quando, face à ameaça da França invadir o país, preparou a retirada da Família Real para o Brasil, evitando que o Reino perdesse a sua independência. A entrada de Junot em Lisboa, a esquadra real e mercante já tinha saído do Tejo, levando a bordo a Família Real, a Corte e parte do Exército portugueses. Chegam ao Rio de Janeiro depois de uma viagem difícil, castigada por tempestades, pragas de piolhos e por comida mal conservada.

NAPOLEÃO BONAPARTE
N. 1769 M. 1821

Figura incontornável na História, tornou-se Imperador de França com a ambição de expandir o território francês, invadindo nações estrangeiras. Em 1806, ordena o Bloqueio Continental à Inglaterra para dominar a sua principal potência opositora. A ordem de fechar os portos aos navios ingleses não foi acatada por Portugal e o preço a pagar foram 3 invasões francesas que deixaram o país na ruína. Mas este pequeno país nunca perdeu a independência e impôs a primeira derrota às tropas napoleónicas.

GENERAL JUNOT
N. 1771 M. 1813

Comandou a 1.ª Invasão Francesa a Portugal, em 1807. Chegou a Lisboa a tempo de ver partir, do Tejo, a Família Real para o Brasil, ficando “a ver navios”. Hasteou a bandeira francesa no Castelo de S. Jorge e tornou-se governador-geral de Portugal e duque de Abrantes mas, em 1808, é derrotado nas batalhas da Roliça e Vimieiro. Após o armistício da Convenção de Sintra retira-se com as suas tropas, levando tudo o que tinham roubado. Regressou em 1810 no exército de Massena, mas voltou a ser derrotado.

MARECHAL SOULT
N. 1769 M. 1851

Comandou as tropas do II Corpo da Grande Armée de França na Península Ibérica e invadiu Portugal, em 1809. Entrou pela Galiza, Trás-os-Montes e Alto Douro e ocupou o Porto. Rapidamente foi derrotado pela resistência das guerrilhas portuguesas e pelo exército anglo-luso, retirando-se para Espanha. Atrás de si deixou um rasto de morte, destruição e pilhagem. Após a queda de Napoleão, aderiu à monarquia, foi ministro da Guerra e Primeiro-Ministro de Luís XVIII.

MARECHAL MASSENA
N. 1758 M. 1817

O “filho querido da vitória”, como era conhecido devido ao seu desempenho em combate, ficou célebre nas batalhas de Essling e de Wagram (1809). Em 1810, Napoleão confiou-lhe a liderança da 3.ª Invasão Francesa a Portugal. O general sofreu a primeira derrota no Bussaco, continuou a sua marcha para Lisboa, mas não conseguiu ultrapassar as Linhas de Torres Vedras e frente a elas decidiu recuar, retirando as suas forças do país, em março de 1811, para não mais regressar.

ARTHUR WELLESLEY DUQUE DE WELLINGTON
N. 1769 M. 1852

Determinante no curso da história de Portugal pelo seu desempenho político-militar, foi o estratega da defesa do país durante as 3 invasões francesas e o responsável pela construção das Linhas de Torres Vedras. Mereceu da coroa portuguesa os títulos de Conde de Vimieiro e Marquês de Torres Vedras. Viria a derrotar definitivamente Napoleão Bonaparte, na batalha de Waterloo, em 1815.

MARECHAL BERESFORD
N. 1768 M. 1854

Comandante do Exército Português, em 1809 recebeu a missão de reorganizar o sistema militar, preparando-o para enfrentar as tropas napoleónicas. Considerado um disciplinador exigente, implementou processos severos para criar disciplina e procedia a inspeções rigorosas às guarnições militares do país. Aumentou os seus poderes junto do rei D. João VI mantendo-se em Portugal até à revolução liberal (1820), a qual o obrigou a regressar para Inglaterra.

Fortificação de Pontos Estratégicos

Entre novembro de 1809 e setembro de 1810, Wellington mandou construir uma série de fortificações de campanha, a norte de Lisboa, para proteger a cidade e enfrentar os franceses. Com base nos mapas do Major Neves da Costa e acompanhado do seu engenheiro principal, Coronel Fletcher, traçou uma estratégia para fortificar pontos no topo de colinas, controlando os caminhos para a capital e reforçando os obstáculos naturais do terreno. “Nascem” assim as Linhas de Torres Vedras, que ocuparam mais de 85km.

Secretismo da Construção

A construção das Linhas de Torres Vedras foi um dos segredos mais bem guardados da história militar. O absoluto sigilo em que foram erguidas surpreendeu o comandante francês, Andre Massena, que só terá sido avisado da sua existência poucos dias antes de estar frente a elas. Convencido que tinha forçado os ingleses a retirarem-se para embarcarem para Inglaterra, ficou tão irritado que terá dito “Que diabo! Wellington não construiu estas montanhas!”.

Política de Terra Queimada

Tática adotada por Wellington que consistiu na evacuação da população desde Leiria até às Linhas, transformando o território num enorme deserto, onde foram destruídos moinhos, searas, colheitas e tudo o que pudesse servir de alimento aos invasores. Esta política foi essencial para o triunfo dos aliados, mas por causa dela muitos portugueses morreram de fome e escalou a violência das tropas francesas que, esfomeadas, perseguiam todos os que encontravam.

A Príncipe D. João em Mafra

Em Mafra, o Príncipe Regente D. João tomou a decisão de ignorar as diretrizes de Napoleão Bonaparte, privilegiando a antiga aliança que Portugal tinha com Inglaterra.

Nos terraços do Palácio, utilizando um telégrafo de ponteiro (telégrafo português), D. João enviava e recebia mensagens codificadas.



Partida da Família Real

A Família Real partiu de Mafra levando consigo grande parte do espólio do Palácio Real, preparando o embarque para o Rio de Janeiro (Brasil). A 29 de novembro de 1807, no momento da partida, instalou-se a confusão no cais de Belém, entre centenas de membros da Corte que queriam embarcar e um grande conjunto de bagagens das quais algumas não seguiram viagem.



Fuzilamento de Jacinto Correia

Jacinto Correia foi um dos primeiros homens do povo a revoltar-se contra o exército invasor. Matou dois soldados franceses, utilizando uma foice para se defender de um assalto. Junot mandou fuzilá-lo, em janeiro de 1808, junto ao Palácio Nacional de Mafra para servir de exemplo e assustar a população.



B Chegada dos ingleses a Mafra

A 1 de agosto de 1808, desembarca em Lavos (Figueira da Foz) o exército inglês, comandado por Arthur Wellesley (futuro Duque de Wellington). Chega a Mafra vitorioso, a 2 de setembro, após ter vencido as batalhas da Roliça e do Vimieiro. Eusébio Gomes relata que “[...] o Exército inglês, foi recebido com grande alegria e na sua passagem se tocaram os sinos e o carrilhão [...]”.



LEGENDA

- Informação turística
- Centro de interpretação das Linhas de Torres (CILT)
- Edifício Religioso
- Edifício de Interesse
- Estação de Comboios
- Forte

D Forte do Zambujal

Situado na povoação que lhe deu o nome, o Forte do Zambujal é uma obra militar extraordinária e singular. Esta estrutura pode ser dividida em duas áreas, quase como se de dois fortes se tratassem.

Na área superior, onde não se regista a presença de canhoneiras, diversos traveses (proteções construídas em terra) protegem o paiol. Rasgando a terra, um túnel permite o acesso à área inferior, através de um conjunto de degraus dos quais restam ainda alguns dos originais. Depois de percorrer o corredor, acede-se à bateria, protegida por um segundo fosso. Sobre uma plataforma de madeira (da qual ainda se encontraram vestígios), eram manobradas as duas peças de artilharia que foram atribuídas a este Forte.

Corredor de acesso

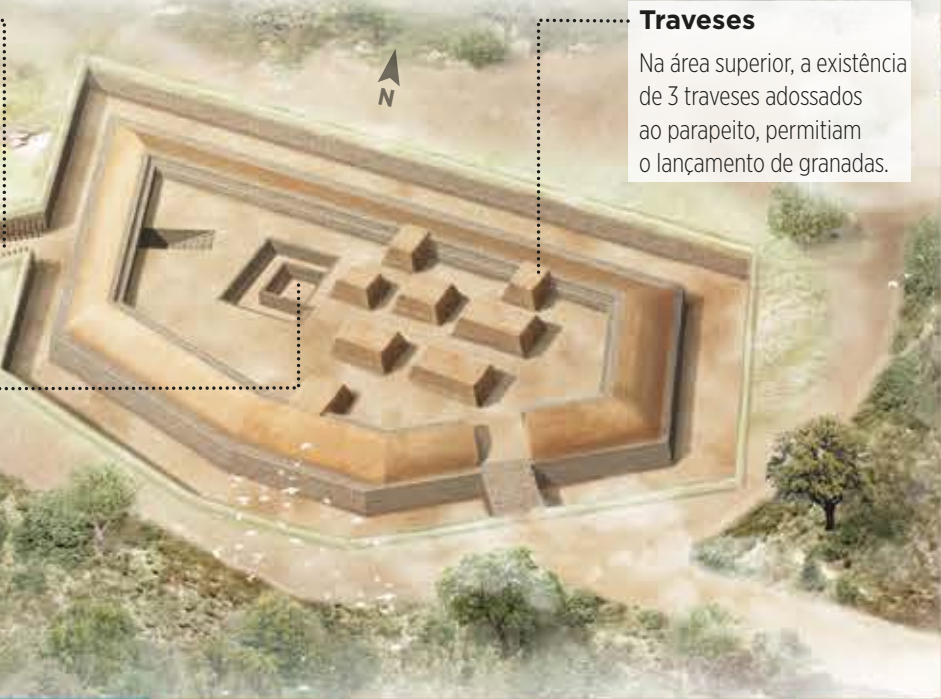
Um imponente corredor de acesso, escavado na rocha e complementado com parede de alvenaria, permite o acesso ao local onde estariam instaladas as 2 peças de artilharia.

Traveses

Na área superior, a existência de 3 traveses adossados ao parapeito, permitiam o lançamento de granadas.

Paiol

Do paiol – uma estrutura que se destina à armazenagem de explosivos, munições e ferramentas - pouco se conhece. As escavações arqueológicas puseram a descoberto um muro de pedra de pequenas dimensões e alguns documentos indicam que a estrutura definitiva não chegou a ser construída.



E CILT de Mafra

Este espaço dá a conhecer o tema das Invasões Francesas em Portugal e o modo como se interligaram com o município de Mafra, os seus monumentos e a população que o habitava.

Aqui pode descobrir o que é a Telegrafia Ótica e como nasceu a ideia de construir as Linhas de Torres Vedras - um dos maiores e mais eficazes sistemas defensivos da Europa.

É ainda, possível, manobrar dois telégrafos de ponteiro, percebendo como se trocavam mensagens secretas.



G Posto de Comunicações da Serra Do Socorro

No cume da Serra do Socorro estava instalado um Posto de Comunicações, onde um telégrafo de 5 balões (telégrafo inglês) permitia a transmissão de mensagens codificadas ao longo das Linhas de Torres Vedras.

Através deste sistema telegráfico era possível transmitir uma mensagem entre o Tejo e o Atlântico em poucos minutos. Wellington visitava tão frequentemente este local que o mesmo passou a ser conhecido por “Ninho da Águia”, em sua homenagem.



Memórias de Eusébio Gomes

Eusébio Gomes nasceu em Mafra em 1787 e morreu em 1878. Trabalhou no Palácio Nacional de Mafra onde foi almoxarife e durante muitos anos assistiu a episódios relevantes da história recente portuguesa, relatando-os nas suas “Memórias”.

Entre eles destacam-se diversas observações que fez sobre o quotidiano da corte de D. João, a partida da Família Real para o Brasil, que ajudou a preparar, a chegada dos franceses, e depois a dos ingleses, assim como, anos mais tarde, o regresso de D. João VI como Rei de Portugal.

As “Memórias de Eusébio Gomes” estão depositadas na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra.



F Forte da Feira

Localizado na vila da Malveira, este Forte apresenta uma planta em estrela (tipo Vauban) com um fosso escavado na rocha que envolve toda a estrutura. Os trabalhos arqueológicos vieram trazer novos dados para a compreensão deste Forte, onde foi possível identificar uma construção complexa, em alvenaria e madeira, numa das áreas mais importantes da fortificação – o paiol (parcialmente reconstruído). Envolvido hoje pela área urbana, este Forte está dotado de estruturas que permitem a sua exploração por públicos com mobilidade reduzida, tornando-o assim num “FORTE ACESSÍVEL”.

